



PREFEITURA DE SOROCABA

ESTADO DE SÃO PAULO

CONCURSO PÚBLICO

006. PROVA OBJETIVA

PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA II – HISTÓRIA

- ◆ Você recebeu sua folha de respostas, este caderno, contendo 50 questões objetivas e um tema de redação a ser desenvolvido, e a folha de redação para transcrição do texto definitivo.
- ◆ Confira seus dados impressos na capa deste caderno e nas folhas de respostas e de redação.
- ◆ Quando for permitido abrir o caderno, verifique se está completo ou se apresenta imperfeições. Caso haja algum problema, informe ao fiscal da sala para a devida substituição deste caderno.
- ◆ A folha de redação deverá ser assinada apenas no local indicado; qualquer identificação ou marca feita pelo candidato no verso da folha de redação, que possa permitir sua identificação, acarretará a atribuição de nota zero à redação.
- ◆ Redija o texto definitivo e preencha a folha de respostas com caneta de tinta preta. Os rascunhos não serão considerados na correção. A ilegibilidade da letra acarretará prejuízo à nota do candidato.
- ◆ A duração das provas objetiva e de redação é de 4 horas, já incluído o tempo para o preenchimento da folha de respostas e para a transcrição do texto definitivo.
- ◆ Só será permitida a saída definitiva da sala e do prédio após transcorridas 3 horas do início das provas.
- ◆ Deverão permanecer em cada uma das salas de prova os 3 últimos candidatos, até que o último deles entregue sua prova e assine o termo respectivo.
- ◆ Ao sair, você entregará ao fiscal a folha de redação, a folha de respostas e este caderno.
- ◆ Até que você saia do prédio, todas as proibições e orientações continuam válidas.

AGUARDE A ORDEM DO FISCAL PARA ABRIR ESTE CADERNO.

Nome do candidato _____

RG _____

Inscrição _____

Prédio _____

Sala _____

Carteira _____

CONHECIMENTOS GERAIS

LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto a seguir para responder às questões **01** a **05**:

O coreto

E vieram dizer que não haveria mais banda. A que tocava no jardim, às noites de domingo, entre o povo, as árvores e as rosas, fora demitida. A prefeitura achou que não lhe concernia a obrigação de alimentar aquela espécie de música. E aquela espécie de música se tornou deste modo um fenômeno a considerar. É dessas coisas que durante séculos se mantiveram jovens e amadas mas de repente amanheceram velhas e sozinhas. A gente sabe o que é velhice, a mesma para todos e para tudo. Um negócio chato. Às vezes, o tempo é que esgota as fontes de juventude, outras vezes não é o tempo, somente o tempo.

Há também a força de ardis e manobras que promovem o envelhecimento a curto prazo, como se faz hoje com certos vinhos e se pode fazer com os homens e com as coisas humanas. Com os vinhos para que entrem mais cedo no mercado, com os homens para que saiam dele.

A música de Chico Buarque aí está para dizer que a banda não é apenas uma evocação e uma saudade. É uma instituição, um símbolo, uma segunda linguagem nacional. Quantas vezes gostosíssima, divertida, fina e incomparável música essa das bandas.

Nesta cidade de Poços de Caldas, elas nunca faltaram, tanto nos seus grandes como nos seus pequenos acontecimentos. E, mais do que os oradores e os poetas, eram a voz do povo. Chegando um filho da terra doutor formado, chegando Pedro Sanches de sua viagem à Europa, chegando um presidente, chegando um Rui Barbosa ou um Santos Dumont, lá estava na Estação da Mogiana a banda para recebê-los em triunfo.

Mas vieram estes dias impetuosos de hoje. E por eles estive sabendo que isso não vale mais nada. Ou não vale duas patacas no orçamento municipal. O coreto no jardim ficará vazio, ou talvez já convertido num mictório. E não sei a quem dizer do meu pesar: se ao povo, se à prefeitura ou se apenas a mim mesmo.

(Jurandir Ferreira. *Da quieta substância dos dias*. Instituto Moreira Sales, 1991. Adaptado)

01. O autor da crônica, ao tecer considerações sobre as bandas, considera que elas

- (A) desapareceram para dar lugar a novas formas de manifestação artística em Poços de Caldas.
- (B) deixaram de agradar os jovens por usar uma linguagem que pouco ou nada lhes acrescenta.
- (C) tinham a capacidade de representar os cidadãos em eventos dos mais diversos tamanhos.
- (D) passaram a ter novo significado com o lançamento da música de Chico Buarque sobre o tema.
- (E) foram vitimadas pelo tempo, deixando a população com o sentimento de vazio e revolta.

02. No trecho “Quantas vezes gostosíssima, divertida, fina e **incomparável** música essa das bandas” (3º parágrafo), o vocábulo destacado pode ser substituído, sem prejuízo do sentido, por:

- (A) exemplar.
- (B) explícita.
- (C) formidável.
- (D) ímpar.
- (E) suscetível.

03. A vírgula foi acrescentada ao trecho do 3º parágrafo em conformidade com a norma-padrão de pontuação em:

- (A) A música de Chico Buarque, aí está para dizer que a banda não é apenas uma evocação e uma saudade.
- (B) A música de Chico Buarque aí está, para dizer que a banda não é apenas uma evocação e uma saudade.
- (C) A música de Chico Buarque aí está para dizer que, a banda não é apenas uma evocação e uma saudade.
- (D) A música de Chico Buarque aí está para dizer que a banda, não é apenas uma evocação e uma saudade.
- (E) A música de Chico Buarque aí está para dizer que a banda não é apenas, uma evocação e uma saudade.

04. O vocábulo destacado estabelece, entre as palavras que relaciona, sentido de procedência em:

- (A) A prefeitura achou que não lhe concernia a obrigação de alimentar aquela espécie **de** música. (1º parágrafo)
- (B) Há também a força de ardis e manobras que promovem o envelhecimento a curto prazo, como se faz hoje **com** certos vinhos... (2º parágrafo)
- (C) A música de Chico Buarque aí está **para** dizer que a banda não é apenas uma evocação... (3º parágrafo)
- (D) Chegando um filho da terra doutor formado, chegando Pedro Sanches **de** sua viagem à Europa... (4º parágrafo)
- (E) ... lá estava na Estação da Mogiana a banda para recebê-los **em** triunfo. (4º parágrafo)

05. Está em conformidade com a norma-padrão de concordância verbal e nominal a frase:

- (A) Bandas são conjuntos musicais vistas mesmo em cidades pequenas e distante de metrópoles.
- (B) Ver tradições artísticas e populares se perderem ao longo de tempo causa decepção.
- (C) Personalidades que chegavam a Poços de Caldas eram recebidos pela banda municipal.
- (D) Escolhe-se lugares, como o coreto, para apresentações por serem centrais e acessíveis.
- (E) A manutenção das bandas são garantidas por meio de verbas, em geral, públicas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 06 a 10:

Pode confessar: você também já se pegou falando “obrigado” para a inteligência artificial (IA). Pode parecer um gesto trivial, talvez até um pouco tolo. Afinal, estamos falando com um algoritmo, não com um ser senciente (ainda).

Longe de ser apenas uma afetação, agradecer à IA toca em aspectos profundos da nossa biologia humana. Quando somos gentis, algo fascinante acontece no cérebro.

Expressar gratidão ativa circuitos cerebrais ligados à recompensa e à satisfação de necessidades do corpo e do espírito, liberando dopamina e outras substâncias que geram sensação de prazer. Estudos científicos têm confirmado que pessoas mais gratas apresentam níveis mais altos de saúde mental e resiliência emocional. Tamanha é sua força que a gentileza pode se tornar um hábito, reforçada pela liberação de ocitocina, o “hormônio do amor”, que reduz tensões e estreita vínculos sociais.

Dizer “obrigado” a um assistente virtual pode não parecer grande coisa, mas funciona como um pequeno exercício que fortalece padrões positivos. Além disso, o custo ambiental dessa gentileza é praticamente nulo. Embora IAs operem em centrais de processamento que consomem energia e água, uma interação individual como essa consome menos do que assistir a um vídeo curto numa rede social.

Estabelecer normas de interação positivas, agora, pode ser importante para futuros relacionamentos humano-IA, especialmente se a IA se tornar significativamente mais inteligente. Estabelecer uma base de interação respeitosa e cortês pode ser importante para navegar nosso futuro com sistemas avançados de IA, garantindo uma coexistência mais harmoniosa e benéfica.

(Alexandre Chiavegatto Filho.

A ciência da gentileza: por que você deve continuar dizendo “obrigado” ao ChatGPT. www.estadao.com.br, 30.04.2025. Adaptado)

06. A partir de informações presentes no texto, é correto afirmar que

- (A) os resultados produzidos pela inteligência artificial são melhores quando a tratamos como se fosse um humano.
- (B) a interação humana com a inteligência artificial como se ela tivesse sentimentos é criticada por alguns especialistas.
- (C) aquele que agradece à inteligência artificial garante o bem-estar próprio e uma futura convivência equilibrada com ela.
- (D) a relação de cordialidade com a inteligência artificial pode também favorecer relações pessoais humanas estremecidas.
- (E) o medo de que a inteligência artificial comece a ter sentimentos como os humanos é o que impede as pessoas de agradecê-la.

07. Assinale a alternativa em que o vocábulo destacado pode ser substituído pelo termo entre colchetes.

- (A) ... liberando dopamina e outras substâncias **que** [cujas] geram sensação de prazer. (3º parágrafo)
- (B) ... o “hormônio do amor”, **que** [o qual] reduz tensões e estreita vínculos sociais. (3º parágrafo)
- (C) Tamanha é sua força **que** [onde] a gentileza pode se tornar um hábito... (3º parágrafo)
- (D) ... mas funciona como um pequeno exercício **que** [a quem] fortalece padrões positivos. (4º parágrafo)
- (E) Embora IAs operem em centrais de processamento **que** [quando] consomem energia e água... (4º parágrafo)

08. Considere os trechos:

- **Quando** somos gentis, algo fascinante acontece no cérebro. (2º parágrafo)
- **Embora** IAs operem em centrais de processamento que consomem energia e água... (4º parágrafo)

Os vocábulos destacados estabelecem, correta e respectivamente, relações de sentido de

- (A) tempo e concessão.
- (B) proporção e explicação.
- (C) explicação e concessão.
- (D) tempo e consequência.
- (E) explicação e consequência.

09. Está em conformidade com o que se afirma no texto e com a norma-padrão de regência verbal e nominal a frase:

- (A) Pesquisas corroboram com a ideia de que ser grato tem efeito positivo no estado emocional.
- (B) A ocitocina, conhecida por “hormônio do amor”, alivia o estresse e intensifica aos laços pessoais.
- (C) Falar com a inteligência artificial equivale em se dirigir a um algoritmo sem sentimentos.
- (D) As centrais onde as inteligências artificiais são processadas demandam de pouca energia e água.
- (E) A gentileza promove reações cerebrais que envolvem a liberação de hormônios ligados ao prazer.

10. A forma como interagimos _____ inteligência artificial define não somente _____ qualidade dos resultados por ela produzidos, mas também _____ que sentimos, devido _____ reações provocadas por essa interação em nosso cérebro.

As lacunas do texto são preenchidas, correta e respectivamente, por:

- (A) com a ... a ... àquilo ... a
- (B) com à ... à ... aquilo ... as
- (C) com à ... à ... daquilo ... a
- (D) com a ... a ... aquilo ... às
- (E) com à ... a ... daquilo ... às

11. Barbosa (2007) discute o surgimento de alterações nas relações entre as culturas escolares, familiares e as culturas de infância.

Uma das mudanças fundamentais, conforme a autora, diz respeito ao fato de que, nas sociedades urbanas contemporâneas,

- (A) os aspectos da socialização relativos à reprodução cultural ganham relevância, favorecendo a formação de uma sociedade mais democrática.
- (B) as socializações deixam de estar ancoradas apenas na vida familiar, para passarem a ser realizadas por uma rede de socializações plurais.
- (C) as diferentes culturas se distanciam e se hierarquizam, para compor núcleos culturais autônomos, deixando de lado o caráter mestiço, típico de sociedades rurais.
- (D) quanto mais próximos os modos de socialização familiar estiverem dos modos de socialização escolar, maior é a perspectiva de conflitos e fracassos na escola.
- (E) as práticas culturais da vida adulta independem das práticas de atividades culturais desenvolvidas durante a infância devido à especificidade da cultura infantil.

12. Na perspectiva crítica de Paulo Freire (1996), “a desproblematização do futuro numa compreensão mecanicista da História, de direita ou de esquerda, leva necessariamente à morte ou à negação autoritária do sonho, da utopia, da esperança”.

Para o autor, essa desesperança acontece porque, para a inteligência mecanicista,

- (A) a criticidade leva a uma visão pessimista da realidade de hoje e de amanhã.
- (B) a escola e seus valores entraram em declínio no capitalismo tardio.
- (C) a liberdade preconizada pelo capitalismo está ameaçada pelos movimentos sociais.
- (D) a complexidade do mundo impossibilita a compreensão humana.
- (E) o futuro já é sabido, revelando uma perspectiva determinista da História.

13. Goellner (in Louro, Neckel e Goellner, 2003) defende uma concepção específica de corpo, compreendido pela autora como uma construção

- (A) histórica, sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, entre outros.
- (B) universal, sobre a qual prevalecem as capacidades *a priori*, seguindo uma lei própria, que une a humanidade como um todo.
- (C) biológica, sobre a qual se definem os lugares sociais atribuídos aos diferentes corpos, definidos desde a concepção pelo seu destino orgânico.
- (D) neutra, sobre a qual o indivíduo molda sua identidade de gênero feminina ou masculina conforme a sua natureza.
- (E) científica, sobre a qual se classificam e se analisam seus componentes em detalhe, legitimando uma necessária educação do corpo para torná-lo útil e produtivo.

14. Em um texto sobre ecologia, a aluna Juliana, desafiada a explicar um termo que lhe era desconhecido, definiu a palavra “desmatamento” como des-matar, no sentido de tornar vivo novamente. Assim, a aluna interpretou o termo de modo análogo a “despentear” ou “desarrumar”, em vez de compreendê-lo no sentido usual que ele tem relacionado à retirada da mata ou floresta de um local.

Na perspectiva defendida por Hoffmann (2018), esse tipo de erro representa

- (A) uma falha na aprendizagem de Juliana, pois ela desconhecer o termo “desmatamento” mostra que não está acompanhando bem as discussões sobre ecologia.
- (B) uma lacuna no ensino de Juliana, pois ela deveria ter sido informada pelo professor de modo a compreender os vocábulos básicos no campo de estudo.
- (C) um ato inteligente de Juliana, pois ela buscou o estabelecimento de relações com outras palavras do seu vocabulário, o que revela seu erro como construtivo.
- (D) uma expressão estética de Juliana, pois ela recriou o termo poeticamente com a finalidade de evocar maior sensibilização para a causa.
- (E) a necessidade de se priorizar o ensino da língua portuguesa frente aos demais componentes curriculares para combater o atraso educacional no país.

15. Ao refletir sobre o ler e o escrever na escola, Lerner (2002) propõe uma série de desafios para transformar o ensino.

Um deles, condizente com a perspectiva defendida ao longo de sua obra, é

- (A) consolidar as aprendizagens de leitura e escrita em torno das convenções gramaticais e ortográficas, priorizando o domínio do sistema de escrita.
- (B) formar praticantes da leitura e da escrita, e não apenas sujeitos que possam “decifrar” o sistema de escrita.
- (C) revalorizar a leitura oral como principal ferramenta para a compreensão fonética e do ler e escrever na escola, e não apenas a leitura silenciosa.
- (D) investir na educação por meio de campanhas salariais robustas, que atraiam mão de obra altamente qualificada para a docência.
- (E) adotar o sistema de ciclos, com progressão automática assegurada, para que o fracasso escolar deixe de ser um problema do aluno e passe a ser da escola.

16. De acordo com Hernández e Ventura (in Hernández; Ventura, 2017), a organização dos projetos de trabalho exige que o professor opere a partir de uma estruturação dos conteúdos escolares caracterizada por ser muito mais

- (A) universal e integradora.
- (B) abstrata e conceitual.
- (C) aberta e flexível.
- (D) lógica e matemática.
- (E) rígida e sequencial.

17. Saviani (2024) propõe a superação das pedagogias da essência e da existência a partir de uma pedagogia revolucionária.

Para o autor, a pedagogia revolucionária centra-se

- (A) na postura ativa do estudante, secundarizando os conhecimentos e a difusão de conteúdos.
- (B) na igualdade essencial entre os homens, constituída em termos reais e não apenas formais.
- (C) na negação do caráter dinâmico da realidade, reconhecendo-se impotente frente às forças externas.
- (D) nas diferenças, com sua consequência política de justificação de privilégios e regras específicas.
- (E) no idealismo da escola como redentora da humanidade, assumindo a escola como plenamente capaz de mudar, por si, a sociedade.

18. De acordo com Santiago (in Veiga, 2011), os desafios da profissionalização e da organização coletiva dos educadores se articulam às pressões por mudanças de nossa época e ao próprio exercício da democracia.

Nesse contexto, os professores precisam

- (A) restringir as transformações a políticas de legitimação de programas oficiais, assegurando a hierarquia institucional devida e a pacificação nacional.
- (B) aplicar inovações metodológicas no âmbito da sala de aula como exercício autenticamente pedagógico e, por isso, sem comprometimento com um projeto político.
- (C) assumir a utopia liberal, que instituiu a escola pública como lugar social destinado à formação do cidadão e da força de trabalho adequados à sociedade capitalista.
- (D) adotar uma concepção de realidade herdada do paradigma positivista, que deu sustentação ao desenvolvimento da ciência, fundamentando a qualidade escolar.
- (E) clarificar os propósitos que definem a intencionalidade e a dimensão das transformações que, necessariamente, deverão ocorrer na escola.

19. Leia o excerto a seguir:

No que se refere à multiplicidade de culturas, é preciso notar: como assinala García Canclini (2008 [1989]: 302-309), o que hoje vemos à nossa volta são produções culturais letradas em efetiva circulação social, como um conjunto de textos híbridos de diferentes letramentos (vernaculares e dominantes), de diferentes campos (ditos “popular/de massa/erudito”), desde sempre, híbridos, caracterizados por um processo de escolha pessoal e política e de hibridização de produções de diferentes “coleções”.

(Rojo, 2012)

Conforme a autora, trata-se de uma visão de cultura

- (A) desessencializada.
- (B) hierarquizada.
- (C) purista.
- (D) funcionalista.
- (E) normativa.

20. De acordo com o documento *Marco Referencial da Rede Pública Municipal* (Sorocaba, 2017), o que se define pela “capacidade de intervir nos destinos da sociedade que os sujeitos integram em todos os espaços nela ocupados (escola, bairro e cidade), fiscalizando e acompanhando a tomada de decisões, e a execução de ações de corresponsabilidade na construção da sociedade em que se deseja viver”?
- (A) O sistema eleitoral.
 - (B) O projeto político-pedagógico.
 - (C) A cidadania.
 - (D) A qualidade social da educação.
 - (E) A formação continuada.
21. De acordo com o §1º do art. 2º da Lei nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – LBI), a avaliação da deficiência será
- (A) médica, com apresentação de laudo de análise, assegurando-se amplo acesso da instituição de ensino ao prontuário médico do estudante com deficiência.
 - (B) ocupacional, realizada periodicamente de acordo com os intervalos estipulados pelo profissional terapeuta.
 - (C) biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar, quando necessária.
 - (D) condição para o ingresso no Atendimento Educacional Especializado (AEE), substituindo os instrumentos estudo de caso e plano individual de atendimento.
 - (E) requisito para o acesso, a permanência e a participação do estudante com deficiência em instituição de ensino.
22. Assinale a alternativa que apresenta corretamente um dos princípios da Educação em Direitos Humanos, de acordo com o art. 3º da Resolução nº 1/2012.
- (A) Uniformidade, normatividade e parametrização.
 - (B) Imparcialidade ética, política e estética.
 - (C) Disponibilidade, executabilidade e popularidade.
 - (D) Transversalidade, vivência e globalidade.
 - (E) Meritocracia, competitividade e eficiência social.
23. De acordo com o art. 3º do Decreto Municipal nº 24.392/2018 da Prefeitura de Sorocaba, os agentes públicos deverão garantir
- (A) qualquer tipo de objeção de consciência, dependendo do nome constante nos documentos, com vistas a proteger a comunidade da ideologia de gênero.
 - (B) uso exclusivo do nome civil, em instrumentos internos de identificação, mantendo registro administrativo que zele pela precisão de identificação dos sujeitos públicos.
 - (C) o direito ao reconhecimento da identidade de gênero, com tratamento nominal e oral exclusivamente pelo nome social, daqueles que o solicitarem.
 - (D) a proteção da imagem institucional dos órgãos públicos, evitando práticas identitárias que comprometam os valores tradicionais do município.
 - (E) a primazia do sexo biológico na identificação dos cidadãos em todos os registros e documentos oficiais do município.
24. Conforme o art. 6º da Deliberação CME nº 02/2009 do Conselho Municipal de Educação de Sorocaba, os cursos correspondentes aos Anos Finais do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio serão organizados e desenvolvidos por meio de
- (A) ensino a distância.
 - (B) provas de certificação de proficiência.
 - (C) programas de aceleração.
 - (D) projetos pedagógicos específicos.
 - (E) processos de terminalidade específica.
25. Conforme o art. 5º da Deliberação nº 08/2023 do Conselho Municipal de Educação de Sorocaba, a reclassificação de estudantes do Ensino Fundamental ocorrerá a partir de, entre outros,
- (A) reconhecimento de práticas de *bullying* ou assédio estudantil.
 - (B) necessidade de ingresso no mercado de trabalho como jovem aprendiz.
 - (C) ausência de vagas no ano/série.
 - (D) comprovada defasagem idade/ano.
 - (E) inaptidão para linguagens matemáticas e raciocínio lógico.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

26. As propostas curriculares, para todos os níveis de ensino, têm se preocupado em responder à pergunta: “Por que estudar História?”

“Estuda-se História para compreender o presente e criar os projetos do futuro” é uma das frases mais encontradas em textos relacionados ao assunto e das mais repetidas por professores em suas explicações iniciais sobre o porquê da disciplina na escola. As finalidades do ensino de História não se limitam a essa frase, sendo, evidentemente, mais complexas, e algumas propostas curriculares procuram explicitá-las.

(Circe M. F. Bittencourt, *Ensino de História: fundamentos e métodos*, 2008)

Para Bittencourt, na atualidade, um dos objetivos centrais do ensino de História relaciona-se com

- (A) a preparação de jovens para integrar o mundo do trabalho, a partir da compreensão da lógica do mercado.
 - (B) a tarefa da História escolar em disseminar reconstruções precisas do passado da sociedade nacional.
 - (C) a contribuição dessa disciplina na constituição de identidades e esta associada à formação da cidadania.
 - (D) a necessidade de os conhecimentos históricos reforçarem o apreço pelas tradições culturais da nação.
 - (E) o esforço da sociedade brasileira em aperfeiçoar sujeitos atentos à preservação da história oficial do país.
27. Segundo a BNCC: Ensino Fundamental – História, “o processo de ensino e aprendizagem da História no Ensino Fundamental – Anos Finais está pautado por três procedimentos básicos”.
- Assinale a alternativa que apresenta um desses procedimentos básicos.
- (A) Pela identificação e análise dos principais processos históricos ocorridos ao longo da constituição da civilização ocidental, como as grandes revoluções tecnológicas, políticas e econômicas, que contribuíram para a formação de uma sociedade brasileira etnicamente tolerante.
 - (B) Pelo entendimento de que o conhecimento histórico deriva de uma atitude científica do historiador, que busca, seleciona, analisa e utiliza documentos confiáveis para a produção de saber socialmente relevante, será transmitido na escola básica por meio dos docentes.
 - (C) Pelo rigoroso trabalho com os conceitos fundamentais, como tempo, espaço, sujeito, documento, conjuntura e estrutura, para que os conhecimentos históricos sejam construídos como uma narrativa capaz de reconstituir o passado humano da forma mais real possível.
 - (D) Pelo reconhecimento e pela interpretação de diferentes versões de um mesmo fenômeno, reconhecendo as hipóteses e avaliando os argumentos apresentados com vistas ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a elaboração de proposições próprias.
 - (E) Pelo cuidado com a formação de estudantes capazes em utilizar as ferramentas próprias do trabalho de construção do conhecimento histórico, como os documentos escritos e a cultura material, para que a escola seja um espaço para a formação de sujeitos ideologicamente isentos.

28. A BNCC-História enuncia, para o 7º ano, resumidamente, as seguintes temáticas:

- (A) a História da República brasileira e a História Total contemporânea dos séculos XX e XXI, com ênfase nos processos históricos europeus, africanos, asiáticos e americanos dos séculos XX e XXI.
- (B) as conexões entre Europa, América e África são ampliadas, abordando-se aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais ocorridos a partir do final do século XV até o final do século XVIII.
- (C) o atrelamento das Histórias do Brasil, das nações ibéricas e da África Negra na transição do Feudalismo para o Capitalismo, trabalhando-se com o reconhecimento das aproximações culturais.
- (D) a Pré-História afro-americana, a Antiguidade Clássica e os povos pré-colombianos, cujos temas são trabalhados considerando, preferencialmente, as referências da História Social.
- (E) a Era das Revoluções – Industrial, Americana, Francesa, 1820, 1830 e 1848 – e a Formação do Estado Nacional no Brasil, comparando-se os espaços europeu e o americano, a partir da economia.

29. No trabalho escolar com História, segundo a professora Circe Bittencourt (em *Ensino de História: fundamentos e métodos*), cabe ao professor optar por manter os denominados conteúdos tradicionais ou selecionar conteúdos significativos. Esses conteúdos são definidos por Circe Bittencourt como aqueles que

- (A) possibilitam que os discentes apreendam os conceitos de tempo cronológico e histórico, a partir de marcos civilizatórios.
- (B) comprovam que a imutabilidade do passado provoca a construção de uma única versão deste mesmo passado.
- (C) tratam dos processos históricos centrais, como o bandeirismo, para o cultivo do sentimento cívico.
- (D) tratam o saber histórico escolar como uma derivação direta do saber produzido nos espaços acadêmicos.
- (E) vinculam-se a um critério de seleção, tendo como ponto de partida problemas do estudante e de sua vida, em sua condição social e cultural.

30. Luís Fernando Cerri, na obra *Ensino da História e consciência histórica*, traz o significado de pensar historicamente. Assim sendo, assinale a alternativa que apresenta esse significado.

- (A) O entendimento de que o processo de construção do conhecimento histórico depende da coleta e o uso de documentos de múltiplas origens e, fundamentalmente, do trabalho artesanal e neutro do historiador.
- (B) As relações entre passado, presente e futuro precisam ser resignificadas para que a plena reconstituição do passado seja atingida e, ao mesmo tempo, a concepção teleológica dos caminhos humanos seja valorizada.
- (C) A ciência histórica tem a premissa de reconstituir o passado levando em consideração este mesmo passado, evitando que a leitura retrospectiva seja influenciada pelos acontecimentos do presente e pelas perspectivas do futuro.
- (D) As transformações humanas, ao longo do tempo e do espaço, são determinadas por muitas esferas, mas é necessário destacar a dimensão econômica, porque desta explica-se o nascimento e o desaparecimento de civilizações.
- (E) A análise de informações, ideias e dados precisa levar em consideração o contexto em que foram produzidos: seu tempo, suas peculiaridades culturais, suas vinculações com posicionamentos políticos e classes sociais.

31. Manifestando preocupações quanto à ênfase que as reformas curriculares de História vêm dando ao estudo da História Local, [Joaquim] Prats critica o que pode vir a se tornar “um ensino de História em migalhas”, mas diz “sim” ao ensino da História Local, sob algumas condições [...].

(A.M. Monteiro; A.M. Gasparello; M.S. Magalhães (orgs.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*, 2009)

Considerando os pressupostos históricos da obra em referência, assinale a alternativa que apresenta corretamente parte das condições consideradas essenciais para esse tipo de estudo.

- (A) Deve-se atentar para a origem das fontes a serem pesquisadas, pois nem todos os municípios possuem documentos históricos que possam ser utilizados para o levantamento da História do Lugar pelos estudantes.
- (B) O estudo da História Local deve iniciar estudantes no método histórico, para que sejam capazes de compreender como se elaboram os conceitos, bem como para enriquecer a compreensão das articulações com a história geral.
- (C) A localidade pode ser entendida como referência para o ensino integrado, conectando atividades de História e Geografia e privilegiando, por exemplo, personalidades históricas locais, tais como primeiros fundadores e governantes.
- (D) A História do Lugar deve ser entendida como um recurso pedagógico e metodológico e não como conteúdo programático, considerando-se que nem todas as localidades possuem estudos históricos academicamente constituídos.
- (E) O ensino da localidade deve propiciar o enraizamento dos estudantes em sua região, bem como estimular o conhecimento e o amor ao seu entorno, ainda que não haja vínculo com o estudo da História Nacional ou Geral.

32. As questões levantadas pelos professores de história que trabalham com discursos literários podem ser resumidas assim: qual é a especificidade do discurso literário e do discurso histórico? Quais as fronteiras que delimitam esses dois discursos? Como trabalhar literatura e história, respeitando a especificidade do discurso literário?

O discurso histórico visa explicar o real por meio de um diálogo que se dá entre o historiador e os testemunhos, os documentos, que evidenciam o acontecido. Com base nesse diálogo o pesquisador explicita o real em movimento, a dinâmica, as contradições, as mudanças e as permanências.

(Selva G. Fonseca, *Didática e Prática de Ensino de História*, 2005. Adaptado)

Segundo Fonseca afirma no artigo, a obra literária

- (A) não tem o compromisso nem a preocupação de explicar o real, nem tampouco de comprovar os fatos.
- (B) não se atenta para as situações reais e ocupa a sua narrativa na construção de personagens fictícios.
- (C) deve busca a construção de temas e narrativas com pertinência social, necessitando de justificativa para o real.
- (D) não considera importante o conhecimento histórico para a elaboração de tramas e narrativas.
- (E) afasta-se pouco da construção histórica, uma vez que ambas são caracterizadas por uma considerável objetividade.

33. É necessário que o ensino de História seja revalorizado e que os professores dessa disciplina conscientizem-se de sua responsabilidade social perante os alunos, preocupando-se em ajudá-los a compreender e – esperamos – a melhorar o mundo em que vivem.

(Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky, *Por uma História prazerosa e consequente*. Em: Leandro Karnal (org.), *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*, 2015. Adaptado)

Com relação ao tratado no excerto, seus autores realçam o papel do professor como

- (A) o agente central no processo de aprendizagem, como intermediário entre o saber erudito e o senso comum.
- (B) o desmontador de ideologias pouco adaptadas à formação histórica brasileira, como a Escola dos Annales.
- (C) o elemento que estabelece a intermediação entre o patrimônio cultural da humanidade e a cultura do educando.
- (D) o profissional em educação capaz de revelar que o conhecimento histórico não deve ser tratado como uma ciência.
- (E) o hierarquizador dos processos históricos essenciais, como a decisiva influência europeia na formação nacional.

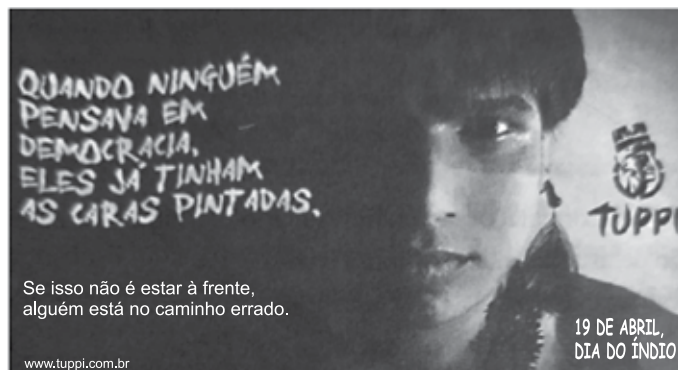
34. O exemplo clássico de organização dos conteúdos é o que se constitui a partir das temporalidades. Preponderante ainda na maioria das escolas brasileiras, o tempo, considerado em sua dimensão cronológica, continua sendo a medida utilizada para explicar a trajetória da humanidade. A periodização que se impôs desde o século XIX – História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea – está presente em grande parte dos livros didáticos; retrocede-se às origens, estabelecendo-se trajetórias homogêneas do passado ao presente, e a organização dos acontecimentos é feita com base na perspectiva da evolução. O que caracteriza a organização dos conteúdos, nessa perspectiva, é a linearidade e a sequencialidade.

(Holien Gonçalves Bezerra, Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. Em: Leandro Karnal (org.), *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*, 2015)

Para Bezerra, uma das possibilidades para a superação do que se apresenta no excerto pode ocorrer por meio da utilização da

- (A) História Política, privilegiando o estudo da formação e desenvolvimento dos Estados Nacionais Modernos em espaços diversificados.
- (B) pioneira História do Tempo Presente, na qual os estudos históricos se concentram nos processos ocorridos após a segunda metade do século XX.
- (C) História Local como ponto de partida para a investigação dos principais eventos históricos formadores das sociedades brasileira e latino-americana.
- (D) organização e seleção de conteúdos, tendo como referências temas selecionados ou eixos temáticos, a exemplo do proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.
- (E) denominada História Retrospectiva, na qual parte-se do presente imediato em direção ao passado mais remoto, até as origens humanas.

35. Observe a imagem.



(Em: Pedro P. Funari; Ana Piñon. *A temática indígena na escola*, 2011. Adaptado)

Analisando o conteúdo do cartaz, está correto afirmar que este vincula os movimentos indígenas aos movimentos populares

- (A) pelo direito à educação pública para a população em geral, identificando que a luta desses povos já era muito anterior ao da sociedade nacional, no contexto do início da década de 1970.
- (B) pelo fim da ditadura militar, relacionando este contexto à luta contra a repressão e desaparecimento de lideranças indígenas em várias regiões do país, no final da década de 1970.
- (C) contrários ao imperialismo estadunidense e à ação de multinacionais no país, conectando o contexto à luta contra a invasão de terras indígenas, no início da década de 1980.
- (D) em defesa dos direitos da população LGBT, que tematizou a importância da democracia para a diversidade, inserindo em sua luta a pauta indígena, em meados da década de 1980.
- (E) contra a corrupção do governo, demonstrando como a democracia passou a ser uma questão relacionada ao tratamento da temática indígena, no contexto do início da década de 1990.

36. Qual deveria ser, então, o novo modelo para a História? Que perguntas deveríamos fazer ao nosso passado, ao nosso presente e ao nosso futuro? Qual poderá ser a tábua à qual possamos nos agarrar diante desse naufrágio dos vários modelos?

A resposta de François Hartog lança uma luz penetrante para reorganizarmos nossa maneira de estudar e de ensinar a História. Diz ele que precisamos nos basear em dois princípios:

1. edificar o próprio ponto de vista tão explicitamente quanto possível e
2. realizar sempre uma abordagem comparativa.

Trata-se, portanto, de ensinar aos alunos não a contemplar o “edifício da História” como algo já pronto, mas de ensinar-lhes a edificar o próprio edifício.

(Rafael Ruiz, *Novas formas de abordar o ensino de História*. Em: Leandro Karnal, *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*, 2015. Adaptado)

Segundo o artigo citado, ensinar a edificar o próprio ponto de vista histórico significa, entre outros pontos, ensinar a

- (A) ter uma percepção o mais abrangente possível da condição humana, nas mais diferentes culturas e diante dos mais variados problemas.
- (B) diferenciar a construção do conhecimento histórico baseado na documentação escrita daquela produzida a partir de relatos de memória.
- (C) ler o passado como a soma de experiências individuais e sem dependência de quaisquer circunstâncias objetivas do presente.
- (D) considerar a impossibilidade de qualquer representação real do passado por causa da subjetividade presente nos registros históricos.
- (E) dimensionar os limites do relativismo cultural e entender que a análise histórica de uma civilização precisa ser baseada na esfera econômica.

37. Uma informação fundamental continua sendo válida para análise se constar num ou em mil documentos. Se os membros do Segundo Congresso Continental da Filadélfia tivessem, em 1776, feito quinhentas cópias da Declaração da Independência, e assinado todas, elas continuariam sendo, pelas suas afirmativas, uma referência do pensamento liberal contemporâneo e da História dos EUA. Porém, o mercado costuma valorar de forma distinta. O interesse de colecionadores não coincide, de forma perfeita, com o interesse dos historiadores.

(L. Karnal e F.G. Tatsch. *A memória evanescente*. Em: C.B. Pinsky; T.R. Luca. *O historiador e suas fontes*, 2009)

No fragmento, discute-se

- (A) a fragilidade para a definição de um documento como sendo histórico, quando se encontra apenas um único exemplar.
- (B) a importância de uma fonte histórica que possibilite mais informações do que outra que tenha poucos dados.
- (C) a ambiguidade do quesito “raridade” para se definir o valor histórico de um documento.
- (D) a relatividade do tempo e do espaço, quando se trata da qualidade histórica de um documento ou fonte.
- (E) o conceito de nacionalidade e suas implicações para aferir a importância de um dado documento histórico.

38. O marco inaugural das análises da cultura brasileira seria *Casa Grande & Senzala*, estampada em 1933. Fecho de um período do pensamento brasileiro, e início de outro, é obra híbrida de tradição e inovação, em muitos pontos nostálgica de um Brasil que chegava ao fim – o de antes de 1930, visto por Gilberto Freyre de forma análoga à *douceur de vivre* que coloriu certas análises saudosistas do Antigo Regime francês.

Se do ponto de vista ideológico o autor ainda se filia a um país arcaico, é inegável a inovação documental e temática trazida por sua primeira obra e mantida nas que se seguem de perto: *Sobrados e mucambos* (1936) e *Nordeste* (1937).

(Laura de Mello e Souza, *Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil Colonial*. Em: Marcos Cezar de Freitas (org.), *Historiografia brasileira em perspectiva*, 1998. Adaptado)

O artigo citado apresenta Freyre como

- (A) detratador do processo da colonização portuguesa, que produziu uma população brasileira mestiça.
- (B) pioneiro, no Brasil, nas análises da infância, da velhice, do sexo, da morte, da natureza e da paisagem.
- (C) alinhado às correntes historiográficas europeias que defendiam a utilização de documentos oficiais.
- (D) introdutor da História Econômica no Brasil e criador da concepção de ciclos econômicos.
- (E) decisivo nas pesquisas de História Social com a utilização do conceito de materialismo histórico.

39. Há estereótipos incansavelmente repetidos em Simão de Vasconcelos, Brandão, Souza, Gandavo e jesuítas como é o caso da célebre constatação de que a língua dos indígenas do litoral da América portuguesa não possuía as letras F, L e R, provando, portanto, não terem Fé, nem Lei, nem Rei. Essa imagem retórica, à primeira vista engenhosa, é na verdade um sofisma.

(Laima Mesgravis, *A sociedade brasileira e historiografia colonial*.

Em: Marcos Cezar de Freitas (org.), *Historiografia brasileira em perspectiva*, 1998, p. 39. Adaptado)

Para a autora, a imagem retórica descrita é um sofisma porque

- (A) as nações indígenas que ocupavam o interior do Brasil conheciam o Estado.
- (B) as línguas indígenas poderiam conter estas expressões com outras letras ou sons.
- (C) as leis existentes entre os indígenas eram desconhecidas pelos portugueses.
- (D) a produção de excedentes caracterizava algumas aldeias do litoral americano.
- (E) os autores sobre o cotidiano dos povos indígenas tiveram pouco contato com estes.

40. A historiografia do Império foi durante muito tempo matriz do estudo das instituições políticas e do discurso fundador da nacionalidade. Dentro dessa característica ideológica, só se podia endossar a consolidação da hegemonia política das elites que projetaram a nação. Esse projeto homogeneizante consistia numa missão de controle social, disciplinador e civilizador das imensas desigualdades sociais herdadas da sociedade escravista.

(Maria Odila Leite da Silva Dias, *Sociabilidades sem história: votantes pobres no Império, 1824-1881*.

Em: Marcos Cezar de Freitas (org.), *Historiografia brasileira em perspectiva*, 1998. Adaptado)

Para Dias, essa perspectiva historiográfica gerou

- (A) a produção de compêndios voltados à análise das ações sociopolíticas das chamadas classes subalternas, como os homens livres não-proprietários.
- (B) a valorização das mulheres como objeto de análise histórica, destacando aquelas que participaram de eventos cruciais, como a Conjuração Mineira.
- (C) a prática cultural de destacar pequenas personagens históricas, o chamado homem comum, reconstituindo parte de suas práticas cotidianas.
- (D) a impossibilidade de documentar a pluralidade, os regionalismos e as conjunturas que envolviam modos de sobrevivência de grupos sociais oprimidos.
- (E) o acúmulo de um debate da produção histórica sobre a escravidão, especialmente sobre a temática da família escravizada e as diferenças de gênero.

41. Para Joaquim Nabuco, a revolução explodiu por várias razões. Originou-se nas paixões e instintos constitutivos do comportamento das massas de Pernambuco, quando instigadas por demagogos e pelo abuso das classes “que se servem de delongas da lei para preservarem seus privilégios”. Foi um “turbilhão popular violento, indiferente a leis e princípios” e “mais que um movimento político, foi um movimento social, uma guerra do povo contra os portugueses que monopolizavam o comércio nas cidades e os senhores de engenho que monopolizavam a terra no interior”.

(Izabel Andrade Marson, *O Império da revolução: matrizes interpretativas dos conflitos da sociedade monárquica*.

Em: Marcos Cezar de Freitas (org.), *Historiografia brasileira em perspectiva*, 1998. Adaptado)

O excerto traz características da

- (A) Revolução Praieira.
- (B) Revolta do Quebra-Quilos.
- (C) Revolta de Carrancas.
- (D) Revolta dos Cabanos.
- (E) Revolta do Vintém.

42. No artigo *Escravidão negra em debate* (Em: Marcos Cezar de Freitas (org.), *Historiografia brasileira em perspectiva*, 1998), Suely Robles Reis de Queiróz assevera que “a matriz do dissenso historiográfico está na caracterização do sistema escravista, tido por alguns como violento e cruel, por outros como brando, benevolente”.

Em meio a esse debate historiográfico, Emília Viotti da Costa e Florestan Fernandes entendiam a escravidão como sendo

- (A) superestimada pelos historiadores econômicos, porque parte considerável da produção agroexportadora utilizou diversas formas de mão de obra livre.
- (B) paradoxal, diante das formas contrapostas de tratamentos dos escravizados, ora com docilidade, ora castigados com extremo rigor, inclusive com a morte.
- (C) necessária para a catequização das nações indígenas, aliadas dos colonizadores, para preservá-los da exploração do trabalho compulsório.
- (D) continuidade do feudalismo na Península Ibérica, e o escravizado no Brasil transformou-se em uma espécie de servo da gleba, mas sem direitos básicos.
- (E) pedra basilar do processo de acumulação do capital e, dessa forma, a coerção e repressão seriam as principais formas de controle social do escravizado.

43. Na história oficial do Brasil, contada nos livros didáticos das escolas ou mesmo na literatura especializada, não aparece nenhum feito ou contribuição significativa dos povos indígenas à formação da nação brasileira. Isto porque os povos indígenas sempre foram considerados sem cultura, sem civilização ou qualquer tipo de progresso material.

(Gersem dos Santos Luciano, *Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*, 2006)

Entre as contribuições contemporâneas dos povos indígenas, a obra em análise cita

- (A) a organização social marcada por uma hierarquia na qual o clã do chefe de uma aldeia exerce poder sobre os outros clãs.
- (B) a cosmologia secular, baseada em princípios filosóficos rudimentares, que separa radicalmente as pessoas e a natureza.
- (C) o entendimento de que os povos originários são autenticamente indígenas quando se mantêm distanciados da cultura e hábitos da sociedade global branca.
- (D) os seus milenares conhecimentos de medicina tradicional, no qual engloba o domínio de milhares de espécies de plantas medicinais.
- (E) a concepção econômica que tem como base a produção de excedentes agrícolas e a comercialização com povos não-indígenas.

44. Interessa saber um pouco mais sobre como os brasileiros não-índios percebem e concebem o futuro de vida dos povos indígenas do Brasil. Em pesquisa realizada em 2000, pelo IBOPE, foram ouvidos 2.000 homens e mulheres. Parte dessa pesquisa teve o seguinte resultado:

Imagem dos índios: 78% dos entrevistados revelaram ter interesse no futuro dos índios sobre os quais prevalece uma visão positiva; 88% concordam que os índios ajudam a conservar a natureza e vivem em harmonia com ela, e que não são preguiçosos, mas encaram o trabalho de forma diferente da sociedade branca ocidental; 89% afirmaram que os índios não são ignorantes, mas possuem uma cultura diferente da cultura branca e que só são violentos com aqueles que invadem as suas terras para tomar-lhes.

(Gersem dos Santos Luciano, *Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*, 2006. Adaptado)

Para Luciano, os dados apresentados no excerto revelam

- (A) o aumento progressivo de pessoas e de segmentos sociais que vão superando a visão estereotipada sobre as sociedades indígenas.
- (B) o apoio da maioria dos brasileiros ao projeto das entidades indígenas de defender a integração desses povos à comunidade nacional.
- (C) a percepção dos brasileiros de que as sociedades indígenas preservam formas de organização social, econômica e política seculares.
- (D) o reconhecimento dos brasileiros de que as práticas culturais das sociedades indígenas são superiores às dos brancos.
- (E) o descuido da maior parcela de brasileiros com o destino das sociedades indígenas, consideradas um entrave ao desenvolvimento do país.

45. Podemos estabelecer uma periodização do fenômeno populismo analisando-o do ponto de vista do momento histórico em que se produziu. Assim sendo, a periodização deve ser a seguinte:

- Precoce – Podemos denominar dessa forma o período também conhecido como Radicalismo ou Reformismo das classes médias, ou seja, estamos falando das primeiras três décadas do século XX.
- Clássico – Seria o período que abarca as décadas de 1930 a 1950. Lázaro Cárdenas no México, Getúlio Vargas no Brasil e Juan Domingo Perón na Argentina são seus principais representantes.

(Norberto Ferreras, A sociedade de massas: os populismos. Em: Cecília Azevedo e Ronaldo Raminelli, *História das Américas: novas perspectivas*, 2011. Adaptado)

Segundo o artigo em análise, caracteriza o populismo no período clássico

- (A) a aplicação de liberalismo econômico, o conservadorismo moral e a economia voltada para o espaço rural.
- (B) o expansionismo territorial, a forte ligação com a economia europeia e os governos liderados por militares.
- (C) a mobilização das massas urbanas, a conformação do Estado de bem-estar e o crescimento industrial.
- (D) os conflitos permanentes com a Igreja Católica, o apoio ao nazifascismo e à indústria de bens de capital.
- (E) a manipulação política do operariado, a educação profissionalizante e a priorização da produção agrícola.

46. Em 1968, surge a coletânea de artigos, *Brasil em perspectiva*. Um capítulo de Boris Fausto sobre “A revolução de 1930” discute as interpretações dessa revolução, pensando-as “dentro de uma dinâmica própria” do movimento e de suas contradições.

(Vavy Pacheco Borges, Anos trinta e política: história e historiografia. Em: Marcos Cezar de Freitas (org.), *Historiografia brasileira em perspectiva*, 1998. Adaptado)

Para Fausto, a revolução de 1930

- (A) representou um processo radical de cisão da burguesia nacional e a chegada ao poder dos militares legalistas apoiados pelos financistas.
- (B) materializou os interesses da nova aristocracia rural, interessada na ampliação da aliança comercial com o capital estadunidense e europeu.
- (C) recolocou no poder frações da oligarquia cafeeira paulista preocupadas com a manutenção da Política de Valorização do Café.
- (D) consolidou uma tendência política, proveniente do início da República, de reforçar o poder das elites regionais e estaduais.
- (E) resultou, basicamente, de uma aliança temporária entre facções burguesas não-vinculadas ao café, as classes médias e o tenentismo.

47. A gênese da egiptomania é de difícil resgate. De um lado, porque seu surgimento é muito antigo, iniciando no contexto umbilical da história da humanidade. De outro, pela liberdade, multiplicidade, originalidade, beleza e variedades de técnicas empregadas.

A egiptomania, segundo Jean Marcel Humbert, é bem mais que uma simples mania. Consiste no empréstimo dos mais espetaculares elementos, da gramática de ornamentos que se constituía na essência original da arte do antigo Egito. Esses elementos decorativos são então trazidos novamente à vida através desses usos.

(Margaret Marchiori Bakos, *Visões Modernas do Mundo Antigo: a Egiptomania*. Em: Pedro Paulo A. Funari; Glaydson José da Silva; Adilton Luís (orgs.), *História Antiga: contribuições brasileiras*, 2009)

Segundo o artigo em análise, a egiptomania

- (A) desvaloriza os conhecimentos da Antiguidade Clássica porque idealiza a formação das civilizações construídas às margens do mar Mediterrâneo, apontando-as como exemplos de harmonia social.
- (B) constitui-se em uma visão moderna do mundo antigo e pode tornar as aulas de história interessantes, porque elas se constituem a partir do contexto do aluno, conduzindo-o do presente ao passado.
- (C) permite que o espaço escolar, ao abordar as várias dimensões do Egito Antigo, reconheça que esta civilização é central para o desenvolvimento da filosofia e ciência na Grécia Antiga.
- (D) fornece os elementos centrais para que possa analisar o Egito Antigo como um império desenvolvido a partir dos interesses estratégicos de espaços imperiais mais importantes, como Atenas.
- (E) trabalha a civilização egípcia da Antiguidade a partir de elementos exóticos, com as construções suntuosas e as técnicas de mumificação, oferecendo aos estudantes, porém, uma leitura irreal dessa civilização.

48. O tráfico transaariano de escravos para o Magrebe e depois para a Europa, permanente do século VIII ao XVI, sugere o tema da escravidão interna ao continente africano. Mesmo com base em uma literatura ainda incipiente, vale registrar algumas análises.

Quais mecanismos levaram à escravidão nas sociedades pré-coloniais africanas?

(Leila Leite Hernandez, *A África na sala de Aula: visita à História contemporânea*, 2010. Adaptado)

Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, um dos mecanismos relacionados por Hernandez.

- (A) A existência de práticas religiosas tradicionais, que consideram a escravização temporária como uma experiência necessária para expurgar pecados.
- (B) O imperativo de explorar mão de obra escravizada para a produção agrícola, considerada uma atividade sem qualquer prestígio social.
- (C) As sociedades primitivas impunham, em geral, a escravização dos sujeitos que conheciam a arte da guerra ou da produção de artesanatos.
- (D) A fome desestruturava uma sociedade que impelia os destituídos a vender a si mesmos ou aos seus filhos como escravos, como um meio de sobrevivência.
- (E) A necessidade de povos mais desenvolvidos, que viviam em função da guerra, em ampliar e qualificar os seus exércitos e instrumentos bélicos.

49. A Segunda Guerra colocou os povos negros em contato com o caráter instrumental da técnica, multiplicada pela violência exercida pelos povos brancos entre si. Talvez o mais importante legado dessa experiência tenha sido desnudar a desumanidade dos “civilizados”. Ora, não havia pois razão para aceitar que o sistema colonial fosse necessário ou mesmo inevitável para que os “indígenas” evoluíssem segundo os padrões ocidentais. O clima de “arrebamento imperial” estava seriamente abalado entre os africanos. De algum modo tornava-se possível vislumbrar o direito de os povos negros serem tratados como semelhantes em um mundo compartilhado.

(Leila Leite Hernandez, *A África na sala de Aula: visita à História contemporânea*, 2010)

O excerto apresenta, segundo a obra analisada, um fator decisivo para

- (A) o processo que impulsionou as lutas de independência na África.
- (B) o movimento de unidade geopolítica com a América Latina.
- (C) o recrudescimento da exploração neocolonial franco-britânica.
- (D) o desenvolvimento de sociedades baseadas em castas econômicas.
- (E) o avanço da industrialização de base na África subsaariana.

50. Um dos aspectos notáveis da nova atenção da ciência social americana para com o Oriente é o fato singular de evitar a literatura. É possível ler montes de escritos eruditos sobre o Oriente Próximo moderno sem jamais encontrar uma única referência à literatura. O que parece importar para o conhecimento da região são os “fatos”, que um texto literário talvez perturbe.

(E.W. Said. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, 1996)

De acordo com o autor, a referida omissão da ciência social estadunidense recente sobre o Oriente árabe ou islâmico tem como um de seus efeitos reais

- (A) a valorização de aspectos relativos à razão, pois são povos que ficaram universalmente reconhecidos por suas descobertas científicas na Antiguidade, a exemplo dos instrumentos de navegação e conhecimentos cartográficos.
- (B) a superação da visão das tradições culturais do passado, com vistas a destacar as condições socioeconômicas contemporâneas erigidas graças à exploração do petróleo, que propiciou progresso e desenvolvimento a esses povos.
- (C) a manutenção da região e seu povo conceitualmente reduzidos a “atitudes”, “tendências” e estatísticas, ficando com a imagem de desumanizados, visando reforçar padrões e clichês pelos quais o Oriente tem sido representado.
- (D) a promoção de valores, pensamento e modos de vida relativos ao sistema capitalista e neoliberal, demonstrados pelos países mais avançados do Oriente Médio, a exemplo dos Emirados Árabes Unidos.
- (E) o questionamento dos valores culturais desses povos, demonstrando que a riqueza obtida pela exploração do petróleo resultou em péssimas condições de vida para a maior parte das populações muçulmanas.

REDAÇÃO

TEXTO 1

A busca por saúde mental nunca esteve tão em alta. Segundo a OMS, 1 em cada 8 pessoas no mundo sofre de algum transtorno mental. O Brasil é o país com maior prevalência de ansiedade do planeta, atingindo quase 10% da população. Nesse contexto, a procura por alternativas de cuidado psicológico aumentou, impulsionando o crescimento da terapia com Inteligência Artificial (IA).

Segundo estudo da *American Psychological Association*, 60% dos adultos já consideraram a ideia de conversar com um assistente virtual sobre questões emocionais. A promessa de IA na saúde mental envolve acessibilidade, custos reduzidos e disponibilidade 24h. Esses sistemas utilizam algoritmos para simular conversas, analisar emoções, identificar padrões de fala e sugerir estratégias para lidar com questões como ansiedade, estresse ou tristeza. A base desses robôs são bancos de dados alimentados com conhecimentos humanos. Plataformas como ChatGPT e Gemini oferecem recursos de conversação voltados para o suporte emocional, tornando a terapia digital cada vez mais acessível.

(“Terapia com IA funciona? Conheça os riscos e vantagens”. Disponível em: psicoter.com.br/terapia-com-ia/. Adaptado)

TEXTO 2

A revista *Harvard Business Review* publicou um levantamento que mostra que o aconselhamento terapêutico se tornou o principal objetivo das pessoas ao utilizarem ferramentas de Inteligência Artificial. Isso levou o Conselho Federal de Psicologia (CFP) a criar um grupo de trabalho para discutir o uso da IA com fins terapêuticos. O órgão estuda como regulamentar ferramentas terapêuticas que estejam de acordo com técnicas reconhecidas e sejam desenvolvidas por profissionais que possam ser responsabilizados pelo seu uso. Também deve publicar algumas orientações à população, alertando para o risco de confiar seu bem-estar emocional a uma ferramenta que não foi criada com esses fins.

O professor da PUC-Rio, Leonardo Martins, compõe o grupo de trabalho do CFP e comenta: “Um estudo mostrou como esses modelos tendem a dar a resposta que vai agradar ao usuário. Se a pessoa diz ‘Eu quero me ver livre da minha ansiedade’, o modelo fala o que ele pode fazer para acabar com a ansiedade, inclusive evitar situações que são importantes para a pessoa. Se a ansiedade é causada por um evento, ele recomenda não ir”. Martins complementa que a lógica de funcionamento desses chats pode ter efeitos nocivos: “Eles tendem a concordar com a gente, a se adaptarem aos nossos interesses, às coisas que a gente acredita. E muitas vezes o espaço de procurar ajuda psicológica é justamente o contrário, para a gente perceber que alguma coisa que se está fazendo talvez produza mais prejuízos do que benefícios”.

(“Sessão de Terapia no Chat GPT oferece riscos e preocupa especialistas”. Disponível em: agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-05/sessao-de-terapia-no-chatgpt-oferece-risco-e-preocupa-especialistas. Adaptado)

TEXTO 3

Doze milhões de pessoas já usam a Inteligência Artificial para fazer terapia no Brasil, segundo relatório da Talk Inc. Muitas pessoas buscam essa alternativa porque as plataformas de IA estão acessíveis a qualquer um com internet, a qualquer hora do dia. Já os profissionais de saúde mental muitas vezes não estão acessíveis 24 horas nem em pequenas cidades dos interiores do país. A IA também oferece anonimato, quebrando a barreira do estigma. Ela pode ser mais assertiva em diagnósticos do que os próprios médicos. Se o adolescente busca um nome para um conjunto de sintomas, a máquina pode fornecer uma resposta rápida, mas muitos problemas de saúde mental compartilham sintomas semelhantes. Daí a importância do olhar humano para separar o joio do trigo.

E quanto às causas de um sofrimento? A IA seria capaz de chegar às raízes dele? Faltam às máquinas algo essencial: emoções. Um dos aspectos mais transformadores e curativos da terapia é justamente a conexão verdadeira entre terapeuta e paciente. Isso nenhuma IA será capaz de fazer.

(“Os riscos ocultos da terapia via IA para adolescentes”. Disponível em: forbes.com.br/forbessaude/2025/08/arthur-guerra-os-riscos-ocultos-da-terapia-via-ia-para-adolescentes/. Adaptado)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

A PSICOTERAPIA COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: ENTRE AS VANTAGENS E OS RISCOS PARA O PACIENTE

REDAÇÃO

Os rascunhos não serão considerados na correção.

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	
32	
33	

RASCUNHO

NÃO ASSINE ESTA FOLHA

RASCUNHO

RASCUNHO

